

HIERARQUIA ENTRE GÊNEROS E POLÍTICA PATRIARCAL NO DISCURSO JORNALÍSTICO DA REVISTA TPM

GENDER HIERARCHY AND PATRIARCHAL POLITICS IN JOURNALISTIC DISCOURSE OF TPM MAGAZINE

Suzanne BORELA¹

Universidade Federal de Santa Maria | Brasil

Resumo

Este trabalho analisa o discurso jornalístico da revista Tpm, para compreender como as representações de gênero são abordadas, debatendo a atuação do jornalismo nas discussões sobre gênero e corpo, na perspectiva dos estudos pós-estruturalistas. Para isso, faz uso da desconstrução, proposta por Jacques Derrida, para identificar os conceitos, os binarismos, as hierarquias, os padrões textuais e os paradoxos discursivos. Tpm dá continuidade à tradicional receita usada por publicações femininas brasileiras, que abordam um universo baseado em maternidade, casamento e condições corporais. A revista reproduz e amplifica uma violenta hierarquia entre gêneros, além de reafirmar uma política identitária patriarcal e heteronormativa.

Palavras-chave

Jornalismo; Gênero; Desconstrução; Trip Para Mulher (Tpm), Discurso.

Abstract

This paper analyzes the journalistic discourse of Tpm magazine, to understand how gender representations are approached, debating the role of journalism in discussions about gender and body, from the perspective of poststructuralist studies. For this, it makes use of the deconstruction, proposed by Jacques Derrida, to identify concepts, binarisms, hierarchies, textual patterns and discursive paradoxes. Tpm continues the traditional recipe used by Brazilian women's publications, which address a universe based on motherhood, marriage, and body conditions. The magazine reproduces and amplifies a violent hierarchy between genders, as well as reaffirming a patriarchal and heteronormative identity policy.

Keywords

Journalism; Gender; Deconstruction; Women's magazine, Discourse.

EIXO TEMÁTICO

RECEBIDO EM 29 DE AGOSTO DE 2019
ACEITO EM 19 DE OUTUBRO DE 2019

¹ JORNALISTA (UFSM/FW). Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM), sob orientação da Prof^a Dr^a Ana Carolina D. Escosteguy. Mestra em Jornalismo (PPGJOR/UFSM). Contato: suziborela@gmail.com.

Introdução

No presente trabalho analisamos o discurso jornalístico da revista *Trip para mulher*, a *Tpm* – no período de abril de 2015 a junho de 2016, com o objetivo de compreender de que maneira e representações de gênero são apresentadas discursivamente. Lançamos esse olhar à *Tpm* em especial, por ser uma publicação que surgiu com o posicionamento de assumir o compromisso de trabalhar na contramão das tradicionais publicações para mulheres existentes no país

Em um total de 15 edições, 321 textos foram contabilizados no período analisado (2015-2016). Desses, apenas 130 textos compuseram o *corpus* de análise, os quais pertenciam as seguintes seções: Editorial, Páginas Vermelhas, Reportagem, Perfil, Ensaio, Entrevista, Depoimento, Colunas e Especial 15 anos. O recorte levou em consideração os textos que traziam as questões de gênero como temática principal em sua abordagem.

A seguir, apresentamos o enquadramento mais geral da proposta, tomando algumas considerações iniciais sobre jornalismo de revista e focando mais especificamente na imprensa feminina brasileira. Logo após, exploramos os conceitos de gênero, sexo, corpo, sexualidade, a partir da perspectiva de autoras como Judith Butler, Guacira Lopes Louro, Joan Scott. Para completar o enquadramento teórico-metodológico, apresentamos os estudos sobre a desconstrução, proposta por Jacques Derrida, bem como a caracterização, análise e discussão de resultados do objeto empírico, a revista *Tpm*.

Considerações iniciais sobre jornalismo de revista e imprensa feminina no Brasil

O jornalismo como instituição, prática social e discursiva (BENETTI, 2008) atribui sentidos aos acontecimentos através das notícias e de seus produtos. Como discurso, apresenta estratégias que operam na construção de sentidos e na reprodução de valores sociais e ideológicos dominantes. O

jornalismo de revista é um espaço segmentado que tem a possibilidade de explorar temas específicos, de acordo com a proposta de cada veículo de comunicação. Como uma produção que possui mais liberdade de criação, de linguagem e de espaço visual, a revista trouxe complexidade para a elaboração jornalística. Além da singularidade jornalística e do visual marcante, as revistas incorporam identidades quando se tornam produtos que tratam de assuntos direcionados a um público específico.

Em toda revista, na formulação de seu conceito e na leitura dos contextos social, mercadológico, cultural que marcaram sua fundação, há o propósito de delimitar sob um certo “aqui e agora”, uma “razão de ser”, uma missão e uma “precisa” fórmula editorial. Uma revista será sempre, por natureza, ideológica. No entanto, como produto jornalístico, estará orientada por uma atualidade, o que leva à seguinte conclusão: toda revista fala de um tempo presente. (TAVARES, 2013, p. 80).

A relação direta com o leitor, construída a partir de uma delimitação temática ou compartilhamento de experiências, por exemplo, contribui para a formação de opinião e gosto (BENETTI, 2008). Outras condições e elementos são característicos do jornalismo especializado de revista, como temáticas ligadas a aspectos culturais e a linguagem que busca criar vínculos afetivos com seus leitores. Tal como outros meios de comunicação, as revistas oferecem sentidos, determinam modos de pensar em contextos sociais específicos e “reforçam a capacidade que certas temáticas têm de operar processos de circulação significativa na relação mídia e sociedade”. (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p.183).

Nas publicações em revistas direcionadas para mulheres, como exemplo de *Tpm*, objeto empírico deste artigo, os sentidos e os significados emergem de abordagens temáticas de um universo feminino repleto de normas e caracterizações acerca da figura feminina. A produção de informação segue padrões pré-determinados socialmente, mas também contribui para a criação e modificação dos mesmos. Buitoni problematiza o papel disciplinador da imprensa feminina e a caracteriza como uma

“imprensa de convencimento” que “informa pouco, mas forma demais”. (BUIIONI, 2009, p. 208). Ainda segunda a autora, “o discurso da imprensa feminina é fundamentalmente de sugestões normativas, de receituário para todo tipo de ação humana” (BUIIONI, 2014, p. 42).

As escolhas temáticas evoluíram parcialmente nas publicações direcionadas às mulheres, que, a partir da década de 1970, passaram a incorporar abordagens mais realistas sobre sexo e formas de viver a sexualidade, contrariando as conservadoras revistas femininas veiculadas na década anterior (BUIIONI, 2009). Ainda assim, em algumas publicações atuais há a permanência do modelo magro de mulher e uma crescente pressão “para que o corpo seja alterado tecnologicamente. Na estética corporal, a modelagem é autoritária. Se antes se achava que o espartilho restringia a liberdade feminina, hoje é fortíssima a indução para colocar silicone nos seios, nos quadris...” (BUIIONI, 2014, p. 42).

A mudança nas abordagens temáticas das publicações femininas acompanha também um processo social e histórico, visto que ao longo das décadas as lutas feministas ganharam força e espaço para reivindicar a igualdade de gêneros e a liberdade da mulher, fundamentalmente relacionada a aspectos corporais padronizados e ao mesmo tempo censurados pelos valores sociais. Desde 1960 as lutas do movimento feminista contribuem para repensar, no campo jornalístico, aspectos relacionados à identidade da mulher. Apoiado em princípios como a luta por igualdade de direitos, conquista de espaço público e político, o feminismo “abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc.” (HALL, 2011, p. 45). Os questionamentos sobre a posição social das mulheres expandiram-se e contestaram também a formação de identidades sexuais e de gênero.

Destaca-se, porém, que os esforços feministas começaram a surtir efeitos depois de muitas reivindicações e cobranças, pois entre o início das

lutas do movimento e a interferência nas publicações femininas brasileiras há pelo menos três décadas de atraso. Além disso, esse processo ainda pode ser visualizado na contemporaneidade, visto que é preciso força ativa de muitos movimentos para colocar em pauta nos veículos de comunicação temas relacionados às questões de gênero que quebrem os padrões de identidades e a heteronormatividade. Em muitas revistas nacionais voltadas para mulheres, ainda é notável o atraso em relação aos conteúdos, que abordam temas como casamento, maternidade e moda, diretamente ligados à figura feminina na sociedade e na mídia em geral. A temática sexo, por exemplo, foi conquistando lugar pouco a pouco. De conteúdos sobre a insatisfação no casamento às abordagens sobre masturbação e orgasmo, “várias revistas femininas já conseguiam publicar, com todas as letras, os nomes dos órgãos sexuais femininos, coisa inimaginável nas contidas revistas da década de 1960 (BUITONI, 2009, p.115).

O espaço do jornalismo feminino tornou-se, então, um espaço para debater questões relacionadas à mulher, um lugar de compartilhamento de vivências, experiências e sentimentos que orienta leitoras “confusas”, conforme as qualifica Buitoni, com os diversos questionamentos sobre sexualidade e sobre o papel da mulher na sociedade. A segmentação das publicações é crescente em um mercado diversificado de produtos direcionados às mulheres. Mas, infelizmente, há pressão disciplinadora “na proposição de que o corpo deve ser constantemente transformado. [...] Nesse sentido, as publicações femininas são importantes disseminadoras de que a imagem precisa se ajustar às normas contemporâneas de saúde e beleza” (BUITONI, 2014, p.43).

O caráter educativo se perpetua entre as publicações femininas, com ensinamentos sobre como a mulher deve ser e agir. Como afirma Rocha, “esse segmento do jornalismo constrói imagens idealizadas da mulher que foram se sucedendo ou se somando com o passar do tempo, amparadas

em uma fala normativa que ensina a leitora a exercer sua feminilidade” (ROCHA, 2007, p. 9).

Recuperamos brevemente tais características porque, apesar das profundas mudanças da sociedade, dos posicionamentos das mulheres e da imprensa dirigida às mesmas, observamos que existem também continuidades.

Perspectivas teóricas sobre gênero, corpo e sexualidade: não dá para normatizar

O corpo tem sido o ponto principal para determinar posições e lugares que os indivíduos ocupam na sociedade. Maneiras de classificar, hierarquizar, padronizar, e atribuir valores têm sido direcionadas aos sujeitos ao longo dos anos, com base na aparência e visibilidade de seus corpos. São os valores e significados dados as características dos corpos, impostos pela cultura, que diferenciam os sujeitos e lhes atribuem poder. Os corpos são marcados, é: “a cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença da vagina ou do pênis; o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e dos seios [...]” (LOURO, 2008, p. 75) que atribuem significados culturais e classificam gênero, raça, classe, etnia etc. Entretanto, as marcas atribuídas aos corpos devem ser pensadas como transitórias, visto que mudam conforme a cultura e o momento histórico.

É imprescindível, então, compreender que a inscrição de um corpo no mundo é feita discursivamente. É o discurso que habita o corpo e o expressa na sociedade, que o define como sujeito e determina seu gênero e sexualidade. Além disso, é a partir das relações de poder, e através dos discursos que investem na ideia do sexo como natural e biológico – o discurso religioso, por exemplo –, que o corpo ganha significado. Conforme aponta Funck “embora não se tratem de hierarquias naturais, as dissimetrias de gênero, assim como as de raça e classe social, entre outras, continuam a operar em nossas relações sociais e a ser disseminadas através de práticas discursivas” (FUNCK, 2004, p. 157).

A sexualidade passa a ser, então, o resultado de um processo discursivo e de poder que envolve a constituição do sujeito como ser social. Esse processo pode passar despercebido, mas é preciso estar atento para o fato de que a “nomeação do gênero não é, simplesmente, a descrição de um corpo, mas aquilo que efetivamente faz existir esse corpo – em outras palavras, o corpo só se tornaria inteligível no âmbito da cultura e da linguagem” (LOURO, 2007, p. 209). As normas culturais podem regular e limitar o sexo às suas raízes “biológicas” e com isso estabelecer manifestações permissíveis de sexualidade. A manutenção das normas é feita diariamente pelas instituições sociais nas quais os sujeitos estão inseridos.

Neste contexto, o sexo exige um gênero e um desejo, mas para isso é necessário que esse gênero seja constituído em oposição ao que deseja. “Essa concepção de gênero não só pressupõe uma relação casual entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete e exprime o desejo” (BUTLER, 2015, p. 52). As identidades sexuais são demarcadas antes mesmo do nascimento, na “simples” decisão de denominar como feminino ou masculino – categorização marcada, é claro, pelas genitálias – o ser que vem ao mundo. O poder de transformar um indivíduo neutro em menina ou menino é uma característica da linguagem que deriva da concepção do que se entende biologicamente por gênero. A nomeação é “o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma” (BUTLER, 1993, p. 8).

Para entender o gênero, no entanto, é preciso ir além das marcações sexuais e demonstrar que “é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico”. (LOURO, 1997, p. 21). A

concepção de gênero tem sido construída sob uma lógica dicotômica de pólos opostos – masculino/feminino, homem/mulher –, enraizada no caráter heterossexual das relações. A dicotomia hegemônica produzida sobre a concepção de gênero acaba por excluir os sujeitos que não são representados por essa forma centralizada e fixa de sexualidade: a heterossexualidade.

É a partir do gênero, usado como mecanismo de naturalização, que as noções de masculino e feminino são produzidas. Mas, a própria conceitualização de gênero pode ser usada como dispositivo para subverter a lógica binária. É necessário, então, analisar o gênero considerando-o como um fenômeno *histórico* que vem sendo produzido e reproduzido, que é transformado pelo tempo e pelas diferentes situações. Conforme problematiza Scott (1995), “a história não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos” (SCOTT, 1995, p. 82). O gênero é, sobretudo, “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

É no exercício do poder que se cria um campo coercitivo de condutas e formas de agir, os quais ditam um ou mais modos de comportamentos enquadrados naquilo que é considerado aceitável socialmente. As instâncias de saber sobre gênero, sexo e sexualidade estão, também, fixadas em noções e classificações obtidas através do corpo, que geram relações de poder e legitimam os papéis sociais dos sujeitos. Refletir sobre essas construções sociais é olhar também para o papel do jornalismo – aqui pensado pelo segmento revista feminina a partir da revista *Tpm* –, como mídia que produz e reproduz representações, na produção de conhecimento e informação sobre essas temáticas.

Discurso TPM em desconstrução

Em maio de 2001, a Trip Editora lançou no mercado brasileiro de revistas o que chamou de uma proposta inovadora e diferenciada de jornalismo feminino: a *Trip Para Mulher, Tpm*. Inicialmente a revista apresentava uma tiragem mensal e distribuição nacional de 35 mil exemplares. Em 2017, a *Tpm* passou a publicar apenas quatro edições por ano.

A partir de uma breve avaliação sobre o desenvolvimento dos temas da revista ao longo dos últimos 15 anos, é possível visualizar que a *Tpm* se propõe a criar espaços para debater questões relacionadas a corpo, sexualidade, gênero e principalmente ao papel social da mulher. Esse é um fenômeno que marca as publicações femininas no século XXI: a necessidade de falar sobre o que antes era excluído, renegado, fora do moralmente aceitável, ou seja, questões sobre o empoderamento feminino, sobre homossexualidade e a liberdade dos corpos. Contudo, apesar de estar no foco das discussões, a tentativa de inovação temática costuma falhar no momento em que as revistas continuam com suas posturas disciplinadoras em relação à chamada “liberdade feminina” e condicionam os papéis sociais a uma superioridade masculina.

A presença feminina é visível nas páginas de *Tpm*, aspecto que pode ser percebido principalmente em relação aos conteúdos, assinados predominantemente por mulheres.

Corpus de análise e processo metodológico

Com o objetivo de realizar a descentralização das hierarquias e oposições binárias dos discursos que abordam questões de gênero na revista *Tpm*, optamos por seguir a proposta de interpretação textual do filósofo franco-argelino e pós-estruturalista Jacques Derrida, ou seja, a *desconstrução*. A desconstrução busca fragmentar discursos filosóficos com

a finalidade de revelar lacunas e espaços, em que outros discursos se escondem por detrás da unidade textual. No ato de desconstruir uma oposição, mostra-se que ela não é inevitável, nem natural, mas uma construção, “produzida por discursos que se apoiam nela, e mostrar que ela é uma construção num trabalho de desconstrução que busca dismantelá-la e reinscrevê-la— isto é, não destruí-la, mas dar-lhe uma estrutura e funcionamento diferentes” (CULLER, 1997, p.122).

No entanto, a desconstrução não é método nem teoria, e sim uma forma de interpretação textual. O termo *desconstrução*

[...] em sua definição derridiana, remete a um trabalho do pensamento inconsciente ('isso se desconstrói'), e que consiste em desfazer, sem nunca destruir, um sistema de pensamento hegemônico e dominante. Desconstruir é de certo modo resistir à tirania do Um, do logos, da metafísica (ocidental) na própria língua em que é enunciada, com a ajuda do próprio material deslocado, movido com fins de reconstruções cambiantes (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 9).

A leitura desconstrutivista busca o deslocamento dos saberes consolidados pela verdade absoluta dos centros e o incessante jogo de ambivalência dos conceitos. Deste modo, as hierarquias e as oposições binárias— alma/corpo, natureza/cultura, positivo/negativo entre outras – são apontadas e desconstruídas, mas não destruídas, de maneira que os conceitos são problematizados ao expor que estão inseridos em uma rede de significantes. Portanto, “desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia” (DERRIDA, 2001, p. 48). A partir da desconstrução estrutural da linguagem os diferentes sentidos são desvendados.

Tendo, então, como enquadramento temático os estudos sobre jornalismo de revista, como enquadramento teórico-metodológico questões de gênero e da desconstrução, a análise da revista *Tpm* tem como passo inicial, a leitura das reportagens, matérias, entrevistas e colunas que abordam diretamente as questões de gênero e corpo, para identificar as hierarquias, as oposições binárias e os paradoxos discursivos. A partir da

amostra de dados retirados de *Tpm*, inicia-se o processo de desconstrução, em que é feita a inversão das oposições e a discussão sobre as hierarquias, sempre tendo em vista o contexto histórico e social e a essência em que essas oposições foram construídas, com o objetivo de compreender de que maneira e representações de gênero são apresentadas discursivamente em *Tpm*.

Foram contabilizados 321 textos no período analisado (2015-2016). Desses, 130 textos compuseram o *corpus* de análise. O recorte levou em consideração os textos que traziam as questões de gênero como temática principal em sua abordagem.

Os paradoxos discursivos da *Trip Para Mulher*

As relações de poder são, também, definidas e moldadas pelos discursos cotidianos. Em *Tpm*, o discurso sobre questões de gênero torna-se agente direto para suas leitoras, promovendo ideologias e informações que reafirmam as formas e as estruturas de poder já legitimadas pela sociedade. Embora afirme ter como objetivo principal promover a liberdade feminina e refletir criticamente sobre temas considerados tabus, a fim de repensar o papel social da mulher, a revista *Tpm* apresenta contradições discursivas em suas edições.

Observamos, principalmente nas sessões *Reportagem, Capa, Ensaio e Editorial*, que há uma política de identidade constituída com tudo aquilo que *Tpm* diz refutar, ou seja, características de uma sociedade patriarcal, a maternidade como condição feminina, estratégias de heteronormatividade, identidades excluídas e marginalizadas e, deste modo, uma manutenção assimétrica nas relações de gênero. Partindo dos princípios da desconstrução, de revelar a violenta hierarquia que forma binários opostos (homem / mulher, feminino / masculino / heterossexual / homossexual, etc.), três principais paradoxos dicotômicos e hierárquicos

discursivos foram encontrados no discurso de *tpm*, são eles: Homem x Mulher, Masculino x Feminino e Corpo x Mente.

A seguir, apresento e avalio criticamente o terceiro paradoxo encontrado em *Tpm*, por considerar que em “Corpo x Mente” o discurso de *Tpm* sobre as questões de gênero, corpo e sexualidade está mais visível e posicionado.

Corpo x Mente: estereótipos corporais e comportamentais

O jornalismo da revista *Trip para mulher* apresenta diferentes contextos, em que as escolhas identitárias vão se limitando e um perfil feminino central vai sendo delineado por características físicas e comportamentais, exibidas página a página.

Os estereótipos corporais e de gênero são construídos, também, a partir de um discurso excludente, visualizado nas publicações analisadas da seção *Ensaio*. Ao apresentar apenas personagens heterossexuais, por exemplo, que apresentam características físicas e comportamentais enquadradas no jeito de ser compreendido culturalmente como sendo masculino ou feminino, a revista não só naturaliza o discurso da heteronormatividade, como torna inacessível todos os outros que não fazem parte desse padrão.

Do mesmo modo, acontece com a constituição dos corpos, que se materializa por meio do texto que os descrevem e daquilo que fica de fora, excluído: homens e mulheres negras, homossexuais, bissexuais ou transexuais, fora do padrão de beleza (peso/altura), e de classes sociais baixas, nas seções *Ensaio* e *Moda*. Essa naturalização dos corpos pode ser entendida como uma interpelação, pois os sujeitos assumem posições que lhes são conferidas por meio de atos que os nomeiam, ou seja, por como são chamados. A seguir, apresento alguns exemplos de como o discurso de *Tpm* naturaliza estereótipos corporais e comportamentais (mãe/pai, feminino/masculino, rico/pobre e jovem/velho, por exemplo):

Atrizes, como qualquer **mulher moderna**, costumam adiar a gravidez para um momento em que a carreira já esteja mais estável. Eu penso diferente: depois dos 30, teria medo, estaria arriscando muito mais. Apostava que me recuperaria melhor – do **impacto sobre o corpo e a carreira** – se fosse mãe jovem (TPM #161, 2016, p. 54, fala da entrevistada).

Ele não tem aquela beleza padrão, de cabelo liso e corpo malhado. Mas seus traços e sua personalidade são muito interessantes, diz Jorge Bispo, autor das fotos desta matéria (e da gata polaroid). (TPM #163, 2016, p. 82, grifos meus).

12h Ao sinal de que a sessão de fotos vai começar, Bruno Gagliasso tira a roupa no meio da sala. Fica de cueca. 'Por que eu não tiro tudo? Ela não deixa. Por mim tiraria', diz. **Ela é a atriz Giovanna Ewbank, sua mulher e parceira** neste ensaio realizado ao longo de uma tarde em São Paulo. 'Ele é muito desinibido', **diz a moça, contando que dentro de casa os papéis se invertem: ela anda nua, ele de cueca.** [...] Ele diz que gosta de sexo, mas sabe que em um casamento há outras coisas tão importantes quanto isso.[...] Ele jura que o trabalho é mais importante que a vaidade – mas gostaria de ser 'todo trincado', além de cinco centímetros mais alto. (TPM#154, 2015, pp. 49-53).

Afinal, **nós também gostamos de admirar pernas bonitas, bundas torneadas e, em especial, aquele pedacinho do corpo masculino que separa a barriga do começo do púbis.** [...] **O corpo é só um corpo** até botarmos reparo nele e daí em diante **pode ser beleza, delicadeza ou pura exibição.** (TPM #160, 2015/2016, p. 80, fala da entrevistada).

Além da rouquidão, **o ator revela um timbre grave e difícil de esquecer.** [...] **André é um homem de família.** [...] **André é filho exemplar**, conta que liga para os pais diariamente. [...] A lista variada de ocupações mostra **um homem disposto, sem medo de experimentar.** [...] (TPM #156, 2015, pp. 74-76).

A identidade pode ser pensada como uma construção performativa, ou seja, se constitui no ato discursivo, numa ação que pode enquadrar e regular, ou subverter uma norma. Em *Tpm*, os atos performativos são discursivos e políticos, pois dão continuidade às identidades marcadas pela matriz heterossexual, que prevê uma ligação essencial entre sexo/gênero/desejo. Conforme descreve Louro (2007), "a nomeação do gênero não é, simplesmente, a descrição de um corpo, mas aquilo que efetivamente faz existir esse corpo – em outras palavras, o corpo só se

tornaria inteligível no âmbito da cultura e da linguagem” (LOURO, 2007, p. 291).

Deste modo, o discurso de *Tpm* se baseia em perspectivas deterministas e essencialistas, que nomeiam as relações de gênero – e os sujeitos interpelados – como um processo natural, baseado em valores biologizantes que definem o que é ser homem e o que é ser mulher, principalmente; além de reafirmar a noção de sexualidade dentro da norma ocidental: a heterossexualidade.

Em apenas dois momentos, durante o período analisado, é possível visualizar personagens fora do padrão que *Tpm* vem apresentando em suas edições. Embora haja uma pequena mudança na apresentação dos protagonistas, o discurso que predomina sobre estereótipos corporais e comportamentais continua camuflado na unidade textual. Os personagens Liniker e Paulo Tiefenthaler fogem dos padrões de beleza e das definições de gênero presentes na revista. Contudo, essa “diferença” é justificada, mais uma vez deixando claro qual é a norma que predomina na revista. A seguir, alguns exemplos da apresentação dessas duas identidades distintas:

Um músico de 20 anos que estourou na internet. **Um homem de saia e uma mulher de barba.** Liniker é a nova voz da música brasileira e **a nova cara da liberdade de gênero.** Liniker **usa batom, maxibrincos, turbante e saia, mas não dispensa a barbinha.** [...] Já era músico, já era gay, já sonhava em usar vestido e caprichar na maquiagem, mas observado pelo olhar inquisidor, se continha. [...] **Liniker se diz preta (no feminino), mas quando fala do signo, conta que é canceriano (no masculino)** e não se ofende quando tratado por um ou outro gênero. **Ele** cresceu frequentando o Baile do Carmo, uma festa da comunidade negra de Araraquara. [...] **Liniker é ele mesmo** e é bem provável que em breve seja um outro Liniker ainda maior. (TPM #162, 2015, pp. 48-52, grifos meus).

E o que ele está fazendo aqui nu? Mostrando que **dá para ser sexy aos 48 e sem barriga tanquinho.** [...] **Aos 48 anos,** Paulo é de fato **um menino grande.** Apesar da família supercatólica, tem uma história desgarrada das vestes tradicionais. Já morou junto algumas vezes, **mas nunca casou.** Paulo é do tipo de gente que se senta para almoçar com Mr. Catra que faz uma participação no filme, e **sai convencido deque precisa ter filhos.** [...] Seu mundo entrelaça brincadeira e seriedade, piada e atitude política. [...] Paulo é cariocaço, **mas**

sabe filosofar em alemão. [...] Visceral ele gosta do que arrebata, do que move. [...] 'Ele é transparente, amoroso e consegue nos fazer rir mesmo quando não tem intenção. Além de ser um Don Juan por excelência, é claro.' (TPM #168, 2016, pp. 68-75, grifos meus).

A linguagem que apresenta o gênero (e o sexo) e os corpos dos protagonistas não se limita a descrevê-los, mas os constrói como sujeitos no momento em que os nomeia. Assim acontece com Paulo Tiefenthaler, quando aquilo que falta a sua identidade, principalmente as características físicas tão exaltadas nas outras seções de Ensaio, vão sendo substituídas por traços de personalidade que nomeiam o ator: Paulo tem 48 anos, não é jovem, mas é “de fato um menino grande”, quer ser pai, é culto (pois sabe filosofar em alemão), é “transparente, amoroso”, e por tudo isso é um “Don Juan por excelência”, mesmo sem ter a tradicional “barriga tanquinho” que estampa as páginas de *Tpm* mensalmente. A subjetividade do ator é constituída por características emocionais, comportamentais e sociais.

O que poderia vir a ser uma perspectiva *queer*, que deixa de lado as classificações, as imposições e as hierarquias, acaba por virar mais uma tentativa de enquadramento, disfarçada de um discurso sobre diferença e liberdade de gênero. A apresentação de Liniker se refere a um “homem de saia e uma mulher de barba”. Os detalhes que nomeiam os gêneros masculino e feminino seguem com a apresentação de seu vestuário: usa saia, maxibrincos, batom (itens de mulher). Mas, “não dispensa a barbicha” (característica física de homem)! Além disso, Liniker se diz preta (feminino) e canceriano (masculino). Visivelmente, Liniker não tem a preocupação de se rotular, ou mesmo de seguir um padrão que defina seu gênero. Liniker é *queer*, assume um lugar transitório, rompe com a segurança e a comodidade de uma identidade fixada. O papel de normatizador fica a cargo de *Tpm*, que faz questão de nomear o que é masculino e o que é feminino nos detalhes subjetivos da identidade que expõe. Segundo Derrida, é

preciso reconhecer que “em uma oposição filosófica clássica, nós não estamos lidando com uma coexistência pacífica de um *face a face*, mas com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto”. (DERRIDA, 2001, p.48, grifos do autor)

A revista não assume pluralidade, mobilidade ou instabilidade na questão identitária, fator esse que lhe permitiria jogar com as questões de gênero, subverter as normas regulatórias e mostrar um/uma personagem que está fora do centro e desestabiliza identidades fixas, ou seja, a revista não assume uma posição *queer* com Liniker. Ao invés, seu discurso escolhe um gênero para a formação da estrutura textual, e se refere a Liniker como “ele”, ou o “músico”. *Tpm* não só descreve, mas nomeia Liniker – considerando que o corpo é uma construção discursiva – e, portanto, enquadra-o dentro do seu padrão discursivo: o masculino.

Diferentes estratégias de regulação e normatização das identidades puderam ser visualizadas no discurso de *Tpm*, por meio de 13 revistas analisadas, do período de 2015 a 2016. O jornalismo de *Tpm* dá continuidade à tradicional receita usada pelas principais publicações femininas brasileiras, que abordam um universo feminino baseado em maternidade, casamento e condições corporais. Para além desses aspectos, tão naturalizados pela imprensa como assuntos para mulher, a revista apresenta uma hierarquia violenta de gênero, que constrói identidades femininas não só em oposição às masculinas, mas de acordo com fatores históricos e sociais que fazem parte de uma norma, a heteronormatividade. Para Derrida, “o conjunto dos mitos de uma população pertence à ordem do discurso. A menos que a população se extinga – física ou moralmente, esse conjunto jamais é fechado” (DERRIDA, 1995, p. 243).

A “mulher *Tpm*” transita principalmente entre os papéis sociais de esposa e mãe, enquanto assume características físicas e comportamentais,

reforçadas no conteúdo da revista. Além disso, a revista reforça um imaginário social sobre a figura de um “homem ideal”, que no discurso de *Tpm* ganha atributos que exaltam sua masculinidade, como o corpo musculoso, a inteligência, a força e a vida sexual. O discurso age de modo pedagógico, ensinando suas leitoras a assumirem identidades específicas e reguladas por regras e normas sociais, pois segundo seu conteúdo, para alcançar esse homem ideal é preciso ser uma mulher ideal também.

Considerações finais

No jornalismo de revista segmentado, especialmente em publicações voltadas às mulheres, é possível identificar, ainda, as marcas de poder que constroem e agenciam representações estereotipadas a cada folhear de páginas. Refletir sobre gênero e identidade, então, tem se tornado um ponto cada vez mais importante para o jornalismo.

A partir da análise, constatamos, que o discurso de *Tpm* associa certos comportamentos, sentimentos e ações às figuras feminina e masculina, baseados em um pensamento de “pertencimento natural e biológico”, ou seja, o fato de ser mulher ou homem é que determina o que cada indivíduo tem a possibilidade de viver, pois é por meio de uma “ordem natural” que cada um (e aqui entra apenas homem masculino e mulher feminina) desenvolve características físicas, sentimentais, psicológicas, sociais etc. O discurso normatizador da revista *Tpm* atribui funções e cobranças desiguais sobre padrões corporais, estéticos e comportamentais, criando uma violenta hierarquia de gênero. Em relação à sexualidade, para a revista, a mulher feminina é heterossexual e seu desejo é direcionado a uma identidade específica: homem, branco, heterossexual, pertencente ao padrão de beleza socialmente aceito, com corpo malhado, que tenha sucesso, prestígio e que seja “de família”.

Em relação às mulheres, “a sexualidade ao longo do desenvolvimento da sociedade patriarcal, passa a ser associada com o prazer masculino, o que faz com que o corpo feminino seja tradicionalmente narrado e representado como algo maleável, instrumental e descartável” (FUNCK, 2016, p. 316). Por isso, também, não só o homem é glorificado por suas características corporais e comportamentais, como para alcançá-lo é preciso que a mulher corresponda de modo igual, ou seja, atendendo os requisitos de ser magra, heterossexual e dentro dos padrões de beleza aceitáveis – que envolvem desde a definição do corpo até o modo como se comporta em diferentes ocasiões.

A identidade “mulher” não é usada como ato político, que poderia dar visibilidade as pluralidades de gênero e suas modalidades interseccionais, mas se institui como estratégia que normatiza e limita as possibilidades de identificação das leitoras. As personagens mulheres são concebidas por características historicamente consideradas femininas, como a sensibilidade, o espaço doméstico, a gentileza, a delicadeza, e os homens têm sua masculinidade exaltada em atributos como a força, a estatura, o charme, a rebeldia e a virilidade. De acordo com Buitoni, ainda não há nas publicações femininas “o incentivo à ação comum, à formação de grupos para defender causas coletivas. Nas revistas femininas, a responsabilidade é sempre individual: cada mulher sozinha tem que conquistar o seu espaço e a sua identidade” (2014, p.43).

Há, na tomada de posições que os sujeitos são chamados a assumir em *Tpm*, uma violenta hierarquia de gênero, pois na representação dos papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens, existe uma política de identidade, em que um assume o papel principal e outro o secundário. Os principais binários opostos encontrados no discurso da revista e desconstruídos neste trabalho – homem/mulher, masculino/feminino/ e corpo/mente –, indicam para a manutenção de uma norma histórica, cultural e social que resulta na constante subordinação feminina. Nessa

política de identidade quem pode falar é o homem: sobre ele e sobre as mulheres que o rodeiam. Em seções de *Perfil*, *Capa* ou *Entrevista*, mesmo que a mulher seja a personagem principal, quem fala sobre sua vida ou personalidade é, principalmente, um homem, representado pela figura de pai, marido, irmão etc. Mesmo nas principais reportagens, há uma diferença significativa no número de fontes, em que a revista recorre mais a vozes masculinas do que femininas para dar opinião, explicação ou dar credibilidade a uma informação.

Constatamos, com a análise, que em *Tpm*, a imposição de identidades específicas, é uma estratégia de poder, que limita os sujeitos e mantém uma hierarquia entre os gêneros, além de reforçar uma política de identidade. Consideramos, então, de grande importância pensar em um fazer jornalismo de modo plural. Se são os indivíduos que formam a matéria prima do jornalismo, não é mais compreensível que as mesmas representações estereotipadas, principalmente sobre as mulheres, ainda ganhem tantas capas de revistas.

O discurso de uma instituição jornalística pode e deve ser um importante agente contestador de práticas naturalizadas. Logo, o jornalismo como discurso e instituição que produz conhecimento, precisa rever a forma como aborda as questões de gênero, além de repensar a produção noticiosa de modo que o processo dê visibilidade para a pluralidade. Do contrário, a informação continuará carregada de estereótipos e representações que causam, por um lado, as exclusões de sujeitos e suas identidades consideradas marginais, e, de outro, a contínua manutenção, regulação e normatização dos velhos padrões sociais.

Referências

BENETTI, Márcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. (Org.) **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

- BITONI, Dulcilia H. S. Revistas femininas: ainda somos as mesmas, como nossas mães. **Communicare** (São Paulo), v. 14, p. 36-45, 2014.
- BITONI, Dulcilia H. S. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009.
- BITONI, Dulcilia H. S. **Imprensa feminina**. São Paulo, Atica, 1986.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter**: on the discursive limits of 'sex'. Londres: Routledge, 1993.
- CULLER, Jonathan. **Sobre a Desconstrução**: teoria e crítica do pós-estruturalismo. Trad.: Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.
- DERRIDA, Jacques; Roudinesco, Elizabeth. **De que amanhã**. Diálogos de Derrida e Roudinesco. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- DERRIDA, Jacques. **Posições**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. Trad.: Maria Beatriz Marques da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FUNCK, Susana Bórneo. **Crítica literária feminista** – uma trajetória. Florianópolis: Insular, 2016.
- FUNCK, Susana Bórneo. Anjos e feras no espaço doméstico: decoração para meninas e meninos. In: COSTA, Cláudia de Lima; Schmidt, Simone Pereira (Org). **Poéticas e Políticas feministas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004, p. 157-163.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46, p. 201-218. 2007.
- ROCHA, Patrícia. **Jornalismo em primeira pessoa**: a construção de sentidos das narradoras da revista *TPM*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS. Porto Alegre: 2007.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Trad. de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015.

SCHWAAB, Reges Toni; TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.180-193, dez. 2009.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

TAVARES, Frederico de Mello B. Revista e identidade editorial: mutações e construções de si e de um mesmo. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges (Org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

